

A retórica nos discursos de Dom Quixote e Policarpo Quaresma

Mestranda Ana Aparecida Teixeira da Cruz¹ (USP/CNPq)

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar alguns aspectos que possibilitem apontar certas convergências e divergências entre as personagens Dom Quixote e Policarpo Quaresma, das obras: Don Quijote de La Mancha (1605/1615), do escritor Miguel de Cervantes e Triste Fim de Policarpo Quaresma (1911), do romancista Lima Barreto, respectivamente. Para o cumprimento de tal proposta, selecionou-se dois fragmentos, de cada uma das obras, nos quais as personagens apresentam discursos argumentativos em defesa de determinados princípios. Por meio deles, será possível realizar um estudo comparativo, tendo como base de apoio alguns preceitos da retórica clássica ciceroniana.

Palavras-chave: Dom Quixote, Policarpo Quaresma, Retórica, Comicidade, Literatura Comparada

Prólogo

Este artigo é uma extensão de uma pesquisa mais ampla, em andamento na pós-graduação, sobre a presença de algumas características da obra *Don Quijote de La Mancha* (1605/1615), do escritor espanhol Miguel de Cervantes, no romance brasileiro *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1911), de Lima Barreto. Tal investigação está pautada em uma análise comparativa sobre as semelhanças e, principalmente, as diferenças entre as personagens Dom Quixote e Policarpo Quaresma.

Para o desenvolvimento do presente estudo, selecionou-se um fragmento de cada uma das obras, em que as personagens elaboram discursos argumentativos em favor de determinados princípios, a saber: o primeiro é o “Discurso de la Edad Dorada” (*DQ* I, cap. XI), proferido por Dom Quixote perante um grupo de cabreiros; o segundo, é uma petição encaminhada por Policarpo Quaresma à Câmara em defesa da implantação do tupi-guarani como língua oficial do país. A partir destes dois textos citados, a proposta é analisar ambos discursos, tendo em conta os preceitos retóricos ciceronianos. No caso em questão, a composição dos dois excertos será examinada à luz da *inventio*, que tem como foco os aspectos temáticos utilizados em um texto; da *dispositio*, cujo propósito é a organização estrutural de uma exposição; e, por último da *elocutio*, que se destina aos possíveis tipos de estilos: baixo, médio e elevado, assim como a ornamentação de um discurso. Desta forma, para a abordagem destas três partes, constituintes da retórica, selecionou-se os seguintes textos clássicos: a *Retórica ad Herenium* [atribuída por muitos estudiosos a Cícero]; e *O orador* de Cícero. Por meio desta explanação, será possível relacionar os referidos discursos.

1. Dom Quixote e seu “Discurso de la Edad Dorada”

O célebre discurso de Dom Quixote, sobre a Idade Dourada, encontra-se na primeira parte da obra, logo no início das aventuras de Dom Quixote e Sancho Pança, mais especificamente no capítulo XI. Esse discurso surge a partir do encontro do velho manchego e de seu fiel escudeiro com um grupo de cabreiros – cuidadores de cabras –, pertencentes ao universo pastoril natural. É através deste encontro que o ilustre fidalgo de La Mancha “(...) fue recogido de los cabreros con buen áni-

mo (...)”¹ (CERVANTES, 2005, p. 95). Esses mesmos cabreiros “(...) *aderezaron con mucha priesa su rústica mesa y convidaron los dos, con muestras de muy buena voluntad, con lo que tenían (...)*”² (CERVANTES, 2005, p. 96), integrando os dois caminantes no grupo. Ao longo da preparação da comida, Dom Quixote comenta com Sancho Pança algumas questões relacionadas ao universo cavaleiresco, de modo a justificar o convite feito pelos cabreiros, pois para ele os que exercitam a cavalaria andante são honrados e estimados por muitos. A conversa entre amo e escudeiro, sobre determinados princípios da cavalaria, deixaram os cabreiros que estavam presentes muito confusos, pois se tratava de um assunto totalmente desconhecido por eles, já que não fazia parte do mundo no qual viviam. Deste modo “(...) *no entendían los cabreros aquella jeringonza de escuderos y caballeros andantes, y no hacían otra cosa que comer y callar y mirar a sus huéspedes (...)*”³ (CERVANTES, 2005, p. 97). A partir da reação dos cabreiros, é possível notar que, logo no início do encontro, há certo conflito entre os ideais de Dom Quixote e o conhecimento daqueles cuidadores de cabras, criando uma forte tensão entre esses dois universos tão adversos.

Como se não bastasse um diálogo completamente distante para os cabreiros, o velho manchego, depois da comida, pegou um punhado de bolotas – fruto do carvalho ou da azinheira, característico da península ibérica – nas mãos e admirando-as deu início a um belíssimo discurso sobre a Idade de Ouro. É por meio deste discurso que Dom Quixote “(...) *da rienda suelta a sus pensamientos (...)*”⁴ (AMÉZCUA, 1989, p.312), a fim de colocar em evidência os ideais da Idade de Ouro em oposição à Idade de Ferro, tendo como referência a natureza, a qualidade de vida e a virtude humana.

Em primeiro lugar, o velho manchego traz à tona as qualidades da Idade de Ouro, defendendo-a como um tempo de *siglos dichosos*, tendo em vista que naqueles tempos não havia diferenças entre *tuyo* e *mío*. Como não havia estas desigualdades, logo tudo era baseado na paz e na concórdia, permitindo o cultivo da amizade entre as pessoas. O que acabou facilitando com que as coisas fossem comuns a todos, já que “(...) *a nadie le era necesario para alcanzar su ordinario sustento tomar outro trabajo que alzar la mano (...)*”⁵ (CERVANTES, 2005, p. 97), pois havia condições favoráveis para que as pessoas se mantivessem. Isto considerando que tudo estava disponível de forma gratuita pela natureza, como: comida, água e moradia.

O segundo momento, do discurso de Dom Quixote sobre os tempos dourados, refere-se às virtudes humanas, sobretudo, à liberdade. Liberdade esta que permitia que as mulheres andassem livres, sem culpa ou recriminação. Por esta razão “(...) *andaban las simples y hermosas zagalejas de valle en valle y otero en otero (...)*”⁶ (CERVANTES, 2005, p. 98), sem perder de vista a honestidade. Como a honestidade fazia-se presente, “*No había la fraude, el engaño ni la malicia (...)*”⁷ (CERVANTES, 2005, p. 98), favorecendo com que não houvesse a necessidade de leis e tampouco de juízes, já que “(...) *no había que juzgar ni quién fuese juzgado (...)*”⁸ (CERVANTES, 2005, p. 98). Desta forma, a justiça estava presente em seus próprios mecanismos, sem que os interesses fossem manipulados e muito menos que o percurso de algo fosse interrompido. Em oposição às virtudes da Idade de Ouro, o velho manchego observa que na Idade de Ferro tudo é diferente, como exemplo, destaca a nova condição das mulheres, já que elas não podiam andar livres, sem que a honestidade delas fosse questionada. Justamente esta dúvida permitiu que a malícia fosse estabelecida nos novos tempos ou, como bem enfatiza o velho fidalgo, nos *siglos detestables*.

¹ (...) foi acolhido pelos cabreiros com bom ânimo (...).

² (...) arrumaram com muita presa sua rústica mesa e convidaram os dois, com mostras de muita boa vontade, com o que tinham (...).

³ (...) não entendiam os cabreiros aquela geringonça de escudeiros e cavaleiros andantes, e não faziam outra coisa que comer e calar e olhar para seus hóspedes (...).

⁴ (...) deixa livre seus pensamentos (...).

⁵ (...) a ninguém era necessário para alcançar seu ordinário sustento escolher outro trabalho que levantar a mão.

⁶ (...) andavam as simples e bonitas pastoras de vale em vale y outeiro em outeiro (...).

⁷ Não havia a fraude, o engano nem a malícia (...).

⁸ (...) não havia que julgar nem quem fosse julgado (...).

Por último, Dom Quixote ocupa-se da importância da cavalaria andante, na nova era, em decorrência das mudanças na forma de vida e, por consequência, das relações humanas. Por isto que “(...) *se instituyó la orden de los caballeros andantes, para defender las doncellas, amparar las viudas y socorrer a los huérfanos y a los desesperados* (...)”⁹ (CERVANTES, 2005, pp. 97-98), a fim de proporcionar segurança, nos novos tempos, aos mais fracos. Após justificar o grande valor da ordem cavaleiresca, Dom Quixote menciona fazer parte desta instituição, revelando, aos seus ouvintes, seus princípios como um cavaleiro andante.

A partir do exposto acima, nota-se que dentre os gêneros da retórica clássica – demonstrativo, deliberativo e judiciário – o discurso articulado por Dom Quixote, insere-se dentro do gênero demonstrativo, também conhecido como *epidíctico*, cujo propósito é o elogio ou o vitupério de alguma causa ou pessoa. No discurso proferido pelo cavaleiro manchego, fica evidente que há uma forte dualidade entre o esplendor dos tempos dourados (elogio) em detrimento das mazelas instauradas no mundo vivido (vitupério). Justamente esse tratamento dado aos opostos possibilita, de acordo com a retórica clássica, a exposição de diferentes tipos de argumentos, de modo a demonstrar um determinado pensamento. Além disso, é importante mencionar que o referido gênero demonstrativo “(...) *es el que más cerca se encuentra de lo poético* (...)”¹⁰ (LÓPEZ GRIJERA, 1994, p.21), possibilitando condições para que o discurso seja “(...) *agradable, fácil, abundante, con frases ingeniosas y con palabras armoniosas* (...)”¹¹ (CICERÓN, 2006, p. 47), permitindo o deleite dos ouvintes. De fato, o discurso de Dom Quixote, encontra-se no nível poético, devido à construção engenhosa das frases e à ornamentação das palavras, conferindo-lhe uma linguagem mais sublime.

Agora que já se tem em conta o tipo de gênero retórico, do elóquio de Dom Quixote, convém tratar das partes que correspondem à retórica. A primeira a ser abordada é a *inventio* que, em linhas gerais, destina-se à busca e à descoberta do tema a ser explorado na fala. No fragmento em destaque, nota-se que a *inventio* gira em torno dos valores intrínsecos à Idade de Ouro, que é uma temática clássica e mitológica, de modo a refutar os valores cultivados na Idade de Ferro.

Quando à *dispositio*, que é a organização e a disposição dos assuntos selecionados pela *inventio*, observa-se que a peça oratória de Dom Quixote é composta por três grandes blocos. O primeiro deles é mais genérico, pois se trata da amplificação das características inerentes à Idade de Ouro. Diferentemente do primeiro, o segundo bloco tende a ser mais específico, pois sua fala encaminha-se a atuação humana, principalmente no que diz respeito ao papel das mulheres, tanto nos séculos felizes quanto nos séculos detestáveis. O último momento do discurso destina-se a causa particular, restringindo-se apenas à função da cavalaria andante.

A última parte da retórica, a ser tratada no referido discurso, é a *elocutio*, cujo apoio encontra-se nos estilos – baixo, médio, elevado – e na ornamentação do texto. Quanto ao estilo, nota-se que o elóquio de Dom Quixote aproxima-se mais do elevado, já que, do início ao fim, a linguagem utilizada pelo fidalgo é própria do mundo poético, permitindo o uso de várias figuras de linguagem, sobretudo, da metáfora. Além disso, o discurso do velho manchego apresenta vários ornamentos, tanto no polimento das palavras quanto na organização da própria sentença.

Depois desta breve explanação, sobre alguns artifícios retóricos presente na fala de Dom Quixote, faz-se necessário mostrar, em linhas gerais, como tal discurso foi recebido por seus ouvintes, conforme apontado anteriormente, pelos cabreiros e pelo seu companheiro de aventuras, Sancho Pança. Após o eloquente discurso, proferido pelo cavaleiro manchego, nota-se que os cabreiros ficaram pasmos e perplexos, sem contestar ao fidalgo uma só palavra. Esta “surpresa” se dá por conta da incompreensão dos cabreiros em relação ao conteúdo da fala do cavaleiro. Por este motivo, para

⁹ (...) se instituiu a ordem dos cavaleiros andantes para defender as donzelas, amparar as viúvas e socorrer aos órfãos e aos desesperados (...).

¹⁰ (...) é o que más próximo se aproxima do poético

¹¹ (...) agradável, fácil, abundante, com frases engenhosas e com palavras harmoniosas (...).

aqueles homens do campo, tal discurso não passava de um *inútil razonamiento*. Desta forma, pode-se dizer que as palavras emitidas por Dom Quixote estão em desacordo com o entendimento daqueles ouvintes, tendo em vista que se trata de uma fala erudita, com muitas referências clássicas e mitológicas, dirigidas a um público que não tem a menor condição de (re)conhecer esse tipo de registro. Além disso, pode-se acrescentar, por meio do estudo de Juan Bautista Avalle-Arce (1974, p. 249) – pesquisador em Letras Hispânicas –, que este embate discursivo tem relação direta com a legalidade temporal, pois o cavalheiro manchego tenta, por meio de seu elóquio, recuperar um tempo mítico (poético e inacessível) enquanto que os pastores estavam somente preocupados com o tempo imediato (histórico e atualizado).

Como resultado dessa incompatibilidade, pode-se dizer que o discurso retórico de Dom Quixote se perde dentro daquele ambiente mundano, já que os cabreiros não tiveram como responder às reflexões do velho manchego. Justamente este desencontro, desencadeia aquela situação em uma narrativa cômica, devido à quebra de decoro, por conta da inadequação entre o que se diz para quem se fala. Para complementar, é possível mencionar que o efeito cômico encontra-se justamente no momento em que “*Cervantes eleva el estilo lo más posible justamente cuando el decoro, máximo determinante de las conveniencias retóricas, exige lo contrario*”¹² (CLOSE, 1985, p. 97).

2. O requerimento de Policarpo Quaresma

O famoso requerimento de Policarpo Quaresma, sobre algumas propostas nacionalistas, encontra-se na primeira parte do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, no capítulo intitulado “Desastrosas Conseqüências de um Requerimento”. É por meio desta solicitação que o Major Quaresma propõe a substituição da língua portuguesa, pela língua tupi-guarani, ao Congresso Nacional. Este pedido tem como base de apóio certas convicções patrióticas da personagem. Isto fica evidente, nas primeiras linhas de sua petição, ao mencionar que o português não era uma língua genuinamente nacional, já que se tratava de uma “língua empresada”. Tal afirmação tem como pressuposto básico algumas questões históricas, principalmente quando se tem em conta que o Brasil foi colonizado pelos portugueses. Logo, trouxeram a língua portuguesa à cultura do país “descoberto”. Como se trata de uma língua cedida, ou melhor, imposta por outra nação, então, Policarpo traz à tona certos problemas de ordem político, tendo em conta que “(...) o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua (...)” (BARRETO, 1997, p. 59) – os portugueses – por conta da gramática. Ademais do desacordo lingüístico entre Brasil e Portugal, Policarpo coloca em evidência as desavenças de opinião dentro do próprio país, já que “(...) os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical (...)” (BARRETO, 1997, p. 59).

Além de questões puramente formais, o Major Quaresma se apóia no pensamento ideológico para lembrar, aos congressistas, que “a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original” (BARRETO, 1997, p. 60). Em outras palavras, somente a língua é capaz de representar os habitantes de um país e conseqüentemente a formação da identidade nacional. Segundo o comandante militar, é por meio da língua que um país pode alcançar sua total emancipação política e cultural, no caso em questão, a total independência de Portugal.

A partir de certos problemas lingüísticos e de algumas concepções ideológicas, Policarpo Quaresma conclui que somente o tupi-guarani “(...) língua originalíssima, aglutinante, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza (...)” (BARRETO, 1997, p.60). Para sustentar seu argumento, acrescenta que esta língua tem plenas condições de “(...) adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui

¹² Cervantes eleva o estilo o mais alto possível justamente quando o decoro, máximo determinante das conveniências retóricas, exige o contrário.

viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tenhamos (...)” (BARRETO, 1997, p. 60). Neste ponto, nota-se que o Major Quaresma recorre a outras áreas do conhecimento, como a fisiologia e a psicologia, para justificar a restauração das antigas raízes indígenas em seu ambiente sócio-cultural. Para Policarpo, a implantação do tupi-guarani, como língua oficial e nacional, seria a solução para as muitas discórdias gramaticais “(...) oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal (...)” (BARRETO, 1997, p. 60). Tais discórdias foram vistas pelo Major como alguns obstáculos para o progresso da cultura científica e filosófica do país.

Tendo em conta os gêneros da retórica, percebe-se que o referido requerimento faz parte do gênero deliberativo, que tem como intento a defesa de um determinado ponto de vista, perante uma assembléia. Este gênero também “(...) efetiva-se na discussão, que inclui aconselhar e desaconselhar (...)” (CÍCERO, 2005, p. 55). No caso em questão, trata-se uma petição redigida por Policarpo Quaresma para ser lida, por um secretário, em uma determinada sessão da Câmara, de modo que suas idéias pudessem ser discutidas e avaliadas pelos congressistas. Como se trata de um gênero que busca a persuasão, então, o Major Quaresma se apóia alguns elementos retóricos, com o objetivo de alcançar a aprovação de sua causa, como, por exemplo, tenta ganhar créditos de seus ouvintes através de certos elogios, ou seja, colocando-os dentro de seu discurso, a saber: “Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômico de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade”. (BARRETO, 1997, p. 60).

Quanto às partes da retórica, convém observar primeiro como a *inventio* aparece no requerimento de Policarpo Quaresma, já que “(...) encontrar y decidir lo que se ha de decir es sin duda importante y algo así como el alma para el cuerpo (...)”¹³ (CICERÓN, 2006, p. 48). Além disso, também é importante ter em mente que a “Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável (...)” (CÍCERO, 2005, p. 55). Ora, se a invenção trata das causas verdadeiras ou verossímeis, então, pode-se dizer que o assunto levantado por Policarpo Quaresma não é nem genuíno e tampouco provável. Isto considerando que não havia a menor condição prática de substituir, da noite para o dia, a língua portuguesa do contexto lingüístico de milhares de cidadãos brasileiros. No decorrer do requerimento fica evidente que o sonho nacionalista de Policarpo Quaresma se sobrepõe à razão, impedindo-o de avaliar se sua proposta teria ou não condições de execução.

Sobre a *dispositio*, nota-se que, apesar da inverossimilhança produzida na *inventio*, se trata de um discurso bem organizado e estruturado. A petição do major Quaresma está preparada de modo a levar seu ouvinte ao convencimento de suas idéias, como mencionado anteriormente, a implantação do tupi-guarani como língua oficial. Para isto, Policarpo inicia seu texto refutando os aspectos contrários, ou melhor, negativos, que nada mais são que, segundo seu ponto de vista, os malefícios da língua portuguesa à cultura brasileira. Na metade do requerimento, Quaresma faz uma reflexão puramente ideológica sobre a representação da língua para uma nação. Na última parte, seus argumentos confirmam os aspectos positivos, em outras palavras, utiliza argumentos em favor de sua causa.

No que diz respeito à *elucutio*, observa-se que embora o requerimento seja bem estruturado, não apresenta muitos ornamentos, fazendo que o mesmo apresente um estilo médio. Aqui é importante esclarecer que este estilo é próprio do gênero deliberativo, que busca justamente o convencimento, por meio de uma determinada proposta, sem recorrer muito aos adornos lingüísticos. Sendo assim, o discurso de Policarpo é claro e conciso.

Sobre a recepção do discurso de Policarpo Quaresma, pelos seus ouvintes, é possível dizer que teve efeito contrário ao esperado pela personagem, considerando que a referida petição era fruto

¹³ (...) encontrar e decidir o que se há de dizer é sem dúvida importante e algo assim como a alma para o corpo (...).

“de esforço, de trabalho, de sonho generoso e desinteressado” (BARRETO, 1997, p. 59) que acabou sendo vista como algo divertido. Durante a leitura do documento, pelo secretário na Câmara, observa-se que o burburinho e a desordem tomaram conta do lugar. Nenhum dos que estava presente conseguiu compreender, ou melhor, entender a proposta de Quaresma. Como resultado de tudo isso, o requerimento foi “Publicado em todos os jornais, com comentários facetos” (BARRETO, 1997, p. 60), favorecendo que o major fosse durante dias motivo de riso. Não um riso qualquer, mas, sim, um riso sarcástico, que rebaixa a condição humana. Isto levando em consideração que “não havia quem não fizesse uma pilhéria sobre ele, quem não ensaiasse um espírito à custa da lembrança de Quaresma” (BARRETO, 1997, pp. 60-61). Justamente esta desordem tem vínculo direto com a *inventio* de Policarpo, pois, como já explicitado, o tema proposto pela personagem é totalmente inverossímil com aquele contexto político, social e cultural do país. Por esta razão, nota-se que Policarpo não mantém o decoro em seu discurso, pois deixou de considerar que “(...) *hay que tener en cuenta en todas las partes del discurso (...) qué es lo conveniente; y lo conveniente depende del tema que se trate (...)*”¹⁴ (CICERÓN, 2006, pp. 58-59). Ou seja, o Major Quaresma, movido pelo seu instinto nacionalista, esqueceu-se de analisar se sua proposta seria convincente para aquele público. Devido ao teor de seu texto, nota-se que Quaresma perde credibilidade perante os seus, gerando, desta forma, um enorme abismo entre seus ideais e anseios daquela sociedade burguesa. Neste ponto, faz-se necessário comentar que os interesses de Policarpo “*son incompatibles con los rasgos predominantes en la sociedad, especialmente con relación a la clase dominante que se perfecciona en el prosaísmo y en la inmediatez de los horizontes*”¹⁵ (VIEIRA, 1997, p. 735).

Epílogo

A partir do presente estudo, é possível apreender alguns aspectos que apontam as semelhanças e diferenças entre as personagens Dom Quixote e Policarpo Quaresma, no que diz respeito ao uso da retórica. Tais aspectos têm como referência a análise realizada nos fragmentos em questão.

Sobre as semelhanças, convém mencionar que tanto Dom Quixote quanto Policarpo Quaresmas são personagens que apresentam, dentro de suas respectivas narrativas, discursos de cunho retórico. Isto se dá pelo uso exemplar que elas fazem da linguagem, favorecendo a exposição e a defesa de suas idéias. Neste ponto, faz-se necessário comentar que, ao mesmo tempo em que elas possuem afinidades com a retórica, as mesmas carecem de certo entendimento, provocando alguns conflitos no que se refere à acomodação entre os seguintes fatores: **o que dizer, para quem e como**. No caso de Dom Quixote, nota-se que a falta de discernimento encontra-se no momento em a personagem profere um discurso elevado, repleto de referências clássicas, para um grupo de ouvintes sem a menor familiaridade com o mundo das letras. Quanto a Policarpo Quaresma, percebe-se que lhe falta prudência ao levar, para uma assembléia pública, uma proposta inverossímil e inadequada para a sua sociedade. Neste sentido, pode-se dizer que a ausência de qualquer um destes fatores reflete no efeito de sentido. No caso em questão, entende-se que ambos discursos não lograram o devido sucesso, devido à falta de decoro. Por este motivo, tem-se, por um lado, Dom Quixote sem nenhuma interação com seus ouvintes e, por outro, Policarpo Quaresma sem nenhuma aprovação de seu público.

No que diz respeito às diferenças entre Dom Quixote e Policarpo Quaresma, é possível afirmar que elas se distanciam no tipo de discurso apresentado por cada uma. Isto considerando que a exposição de Dom Quixote, sobre a Idade Dourada, insere-se mais no campo filosófico, conferindo-lhe um caráter mais poético – próprio do gênero demonstrativo –, enquanto que o requerimento ela-

¹⁴ (...) é necessário ter em conta todas as partes do discurso (...) o que é o conveniente; e o conveniente depende do tema que se trate (...).

¹⁵ (...) são incompatíveis com os traços predominantes na sociedade, especialmente com relação à classe dominante que se aperfeiçoa no prosaísmo e na prontidão dos horizontes (...).

borado por Policarpo Quaresma é mais objetivo, permitindo, desta forma, um tom mais persuasivo – peculiar do gênero deliberativo. Estas divergências têm vínculo direto com o contexto no qual cada discurso faz parte.

Apenas a guisa de conclusão, convém comentar que, por meio do presente estudo retórico, foi possível acercar-se mais de Dom Quixote e Policarpo Quaresma, através de um olhar mais direcionado à composição poética, contribuindo para a atual pesquisa em andamento na pós-graduação.

Referências Bibliográficas

- [1] AMÉZCUA, José. “Seres de contacto y seres de no contacto: *Don Quijote*, primera parte. In: **Actas del IX Congreso de la Asociación Internacional de Cervantistas**. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut Preussischer Kulturbesitz, 1986, pp. 311-19.
- [2] AVALLE-ARCE, Juan Bautista. “Cervantes”. In: **La novella pastoril española**. Madrid: Ediciones Istmo
- [3] BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. Edição crítica de Antônio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo. Colección Archivos 30. Espanha: Scipione Cultural, 1997.
- [4] CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Edição comemorativa do IV Centenário. Real Academia Española / Asociación de Academias de la Lengua Española. Edição e notas de Francisco Rico. São Paulo: Alfaguara, 2004.
- [5] CICERÓN. **El orador**. Tradução, introdução e notas de E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- [6] [CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- [7] CLOSE, Anthony. “Ambivalencia del estilo elevado en Cervantes”. In: AVALLE-ARCE, Juan Bautista. **La Galatea de Cervantes: cuatrocientos años después: Cervantes y lo pastoril**. Newark: De Juan de la Cuesta, 1995, pp. 91-102.
- [8] LÓPEZ GRIJERA, Luisa. “La retórica como código de producción y de análisis literario”. In: **La retórica en el España del Siglo de Oro**. Salamanca: Universidad, 1994, pp. 17-32
- [9] VIEIRA, Maria Augusta da Costa. “Recreaciones de Don Quijote en la literatura brasileña: facciones del héroe”. In: **Actas del III Congreso de la Asociación Internacional de Cervantistas**. Menorca: Universitat de les Illes Balears, 1997, pp. 733-739.

¹ **Ana Aparecida TEIXEIRA DA CRUZ**, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –Universidade de São Paulo
Bolsista pela CNPQ
e-mail: anatcruz@usp.br